

ZERRO

Nº 5 - ANO XIII - Florianópolis, 6 de novembro de 1995 - CURSO DE JORNALISMO DA UFSC

sem-terra

AMARGA HERANÇA

Filhos de
agricultores sem-
terra trocam a
infância pela luta de
seus pais e sonham
com a reforma
agrária

central



sunab

ÓRGÃO DEIXA DE
FISCALIZAR E
PASSA A FAZER
PESQUISAS
EQUIVOCADAS
SOBRE A VARIAÇÃO
DE PREÇOS EM
FLORIANÓPOLIS

central

coleção

CARTÕES
TELEFÔNICOS
VALEM ATÉ R\$ 3MIL
NOS ÁLBUNS DOS
AFICIONADOS,
QUE DEIXAM DE
LADO SELOS E
MOEDAS

Pág. 05

reitoria
WESTPHALL GARANTE QUE
PAGARÁ A URP
AOS SERVIDORES
DA UFSC

pág. 06

Hora de decisão

Esta edição sai num momento dos mais importantes para a universidade. Ao mesmo tempo em que o dia 9 marca o início de quatro anos novos para a UFSC, sabe-se que questões como a Reforma Administrativa e privatização vão estar mais do que presentes nos próximos meses. Talvez serão os assuntos que dominarão o mandato do próximo reitor, que além disso terá todo tipo de questões internas para resolver.

Um dos pretendentes ao cargo é Carlos Westphall, o último dos candidatos abordados pelo ZERO. Sua campanha é controvertida: pouco dinheiro está sendo gasto na divulgação, e sua equipe foi instruída a não pedir votos, apenas divulgar suas idéias. Além disso, há a acusação de utilizar a candidatura apenas para continuar dentro da universidade. Westphall explica tudo na página seis.

O jornal também traz o cineasta Arnaldo Jabor, a volta com a pós-modernidade, e o escritor Roberto "Sem tesão não há solução" Freire divulgando seu novo livro. Os dois aterrissaram em Florianópolis e mostraram porque causam, há anos, tanta polêmica.

ZERO também destaca o Festival de Teatro Isnard Azevedo, dando um panorama do evento que é o grande destaque cultural da ilha, além de dar espaço às belas fotos do grupo teatral "Acontecendo por aí", único concorrente catarinense do festival, na contracapa.

E os cartões telefônicos, quem diria, além de úteis podem ser valiosos. Na página central, uma nova mania: colecionar cartões de todo mundo, que, dependendo de sua raridade, valem fortunas.

Mais um número, enfim. Mantendo a qualidade, e, apesar de todas as dificuldades, tentando ser cada vez melhor.

Rádio ou eletrola?

Qual o papel do rádio junto a sociedade moderna? Para que serve a um político o rádio AM e FM? Alguém sabe? Alguém tem as respostas? Na sociedade dos que sabem tudo, sim. Para aqueles que gostam de dar palpites também. Mas para que serve o rádio? A quem devemos entregar uma concessão de rádio? Qual o papel do Dentel? Porque a maioria dos deputados federais são proprietários de emissoras de rádio? Porque as FM são eletrolas - só tocam músicas e dão notícias de São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro? De quem é a culpa? Qual o papel e para que serve do Dentel? Vocês sabem?

Para que serve as pesquisas do Ibope? Os donos de emissoras de rádio - geralmente não são do ramo - acreditam que é para saber a quantidade de ouvintes e nunca a qualidade. Assim todo mundo tenta fazer a mesma coisa, copiam e esquecem que o público, entre a cópia e o original, fica com o original.

O que me interessa saber que uma fruteira no bairro do Pinheirinho está de briga com a prefeitura de Criciúma? Primeiro levei dois dias para saber o que era uma fruteira: para o pessoal de Criciúma fruteira é o mesmo que verdureira que vende verduras ou será que só vende fruta? Mas o que me interessava saber desta briga que não afeta a minha vida em Florianópolis? Porque eu vou continuar a ouvir uma rádio que só fala de Criciúma? Porque vou ouvir uma rádio que só fala de São Paulo ou do Rio de Janeiro?

Eu vou ligar uma rádio para saber o que o Grando anda fazendo de bom e de errado, pelo que tenho visto mais errado do que bom. Eu quero saber se o aterro vai continuar se transformando num terreno baldio, que a obra de Burtle Marx vai continuar sendo destruída - e eu que ajudei a pagar. Quero saber quando vão terminar o asfalto da ponto Colombo Salles. O que os candidatos a candidatos a prefeitura pensam sobre o que estão fazendo com a Ilha e a nossa cidade. Eu não quero saber de nada a respeito da fruteira do Pinheirinho. Eu nem sei onde fica o Pinheirinho.

Mas pelo menos fala de Santa Catarina.

Pior é uma tal de Transamérica e Antena Um que falam de São Paulo, com sotaque paulistas e daqui a pouco vai ter manezinho falando assim:

- Oh meu, me dá aí um "chopps" e dois pastel.

Assim mesmo com "chopps" no plural e pastel no singular. Assim como falam os paulistas.

É que aqueles que detestam a escola ou aqueles que sabem tudo, acham que todos nascem sabendo, inclusive falar, escrever e ler. Assim a confusão entre a profissão de radialistas (2º grau) e a de jornalista (3º grau) se confundem. Não sabem falar, des-

conhecem que existem duas linguagens, uma para se falar e outra para se escrever. Lêem jornais nas rádios como se fossem noticiários. Ninguém fala como escreve e é por isso que a TV Globo diz novela das oito e não novela das vinte horas. Por que será? Os nossos radialistas tão sabidos e os nossos redatores de publicidade nunca se deram conta disto?

Existem normas para escrever e para se ler em rádio. Existem normas para andar na rua a pé, de carro, com o cachorro, com filhos, etc. As normas servem para facilitar a vida da gente, ordenar nosso comportamento. Assim exist-

tem normas para advogados, para padeiros, para gari, para políticos (estes não obedecem normas nenhuma) por isso são donos de rádios e por isso ninguém liga rádio ou quando liga é para ouvir música.

Estou falando isto porque na semana passada a Eldorado fechou a sua redação em Florianópolis, mandou todo mundo embora e ligou a linha com Criciúma e São Paulo. Quando eu quiser saber alguma coisa de Florianópolis vou ter que ligar a RBS TV ou as cópias dos jornais do Almoço, com todo mundo esquecendo que é uma cópia

do programa *A Vanguarda* da Rádio Diário da Manhã para saber o me interessa de perto.

Qual o filme que está passando, o aumento das passagens de ônibus, a morte de alguém conhecido, um convite para enterro, a temperatura, as mudanças no trânsito da cidade, o que pensam nossos candidatos a prefeitos, o que fazem os nossos vereadores (ultimamente não tem feito nada, concordam com o Grando em tudo), etc.

Vão me responder: mas ninguém ouve rádio em Florianópolis. Mas como é que eu vou ouvir rádio que só fala de São Paulo, com sotaque de São Paulo ou com sotaque de gaúcho? O que me interessa a fruteira do Pinheirinho? Nenhum amigo meu vai ficar desempregado ou foi enganado pelo alemão não sei o que?

Para que serve o Dentel? Para ocupar uma cadeira no programa do César Souza, que aliás é um programa de rádio televisionado. Aliás: para os sabe-tudo e os palpiteiros da vida - qual é a diferença entre Rádio e Televisão.

E o sindicatos dos radialistas, que aliás é presidido pelo Gaúcho, o que vai fazer? Algum movimento? Algum manifesto? Vai ou não defender os postos de emprego? Aliás qual é o papel do Dentel e do Sindicato dos Radialistas?

Afinal, me respondam: qual é o papel de uma emissora de rádio?

Paulo Brito

professor adjunto do curso de jornalismo da UFSC

O Brasil segundo Arnaldo Jabor

Diretor de "Eu sei que vou te amar" esteve no CIC falando de arte e militância política

Ao receber a palavra no 8º Congresso Brasileiro da Faeb (Fundação de Arte-Educadores do Brasil), para discorrer sobre Ensino e Arte, o cineasta Arnaldo Jabor reconheceu estar um pouco por fora do assunto. Mas queria dar uma contribuição. Com 53 anos, um passado atuante e alguns dos mais significativos filmes brasileiros no currículo, acabou mostrando porque é um dos principais nomes de nossa cultura, além de um dos grandes cronistas em atividade no país.

Jabor mostrou que toda badalação à sua volta-embalada pela estréia, agora em novembro, como comentarista político no *Jornal da Globo* não inibiu a preocupação com os problemas que existem no Brasil, e no próprio mundo. Com seu leve sotaque cari-quês, tanto afirma que "perdemos a ilusão de que o homem poderia ter o controle da História", comentando as mudanças do leste europeu, como diz que vê um "início de maturidade" em nossa sociedade.

A polêmica sempre caminhou junto com Jabor, desde estudante, quando participava de pequenas montagens teatrais que se engajavam com a luta da esquerda contra a ditadura. Ajudou a luta armada, mas não participou dela diretamente. Preferiu lutar através da arte. "Nós pensávamos que podíamos mudar o mundo, a

forma de ver das pessoas", confessa. A idéia de unir uma estética renovadora com a vocação militante, sobretudo no cinema, perseguiu Arnaldo e seus contemporâneos durante toda aquela época. Glauber Rocha, na sua opinião, foi o mais bem sucedido. "Glauber morreu de duas formas: política e formal", afirmou sobre o mítico colega.

Não que Jabor seja insignificante perto de Glauber. Seus filmes, especialmente a trilogia dos "espaços fechados" (*Eu te amo, Tudo Bem e Eu sei que vou te amar*), são retratos da própria vida brasileira, que vai se levando nas costas, mesmo com todo tipo de problemas sociais, existenciais ou de relacionamentos. Se não são marcos da estética cinematográfica, ao menos insinuam que as coisas não vão bem. Muito mais diretos são seus artigos semanais, publicados em jornais como *O Globo* e *Folha de São Paulo*, e desde julho no *Diário Catarinense*.

Rebuscados para alguns, pretensiosos para outros, são alguns dos mais ácidos e irônicos da imprensa brasileira. "Há um certo carinho moderno pela crise", diz um deles. "O dia em que a crise for embora, o que faremos?". Outra: "O que nos falta para desaprender nos anos 90?". "O Brasil sempre foi o país do 'quase-deu'", sentencia. "Getúlio quase terminou o mandato, Tancredo quase assumiu, e os planos econômicos quase



Beatriz Pires/ZERO

cinema política

O cineasta mostra preocupação com o Brasil do "quase-deu"

deram certo". Análises pessoais, longe de um consenso, ou de um lugar comum.

O Jabor que esteve no CIC dia 24, porém, não estava preocupado só com o Brasil em si. Foram as ideologias, em colapso desde o fim dos regimes do leste europeu, que ocuparam boa parte do sua exposição. Tentando entender esse período que o mundo atravessa, de re-direcionamento e confusão, traz à tona o termo-chave *pós-modernidade*. "As ideologias estão

mais cuidadosas. A humildade se instalou na razão", diz. No campo artístico, acha que está havendo uma redescoberta do místico, do fato de que a arte "deve nos por em contato com um ideal de natureza e felicidade". E nós, brasileiros? "Estamos saindo de uma fase ruim. Não vivemos mais de idéias importadas", responde. "Estamos vendo que o buraco é mais embaixo".

René Müller

Petista se atrapalha na presidência da AL

O fato de ser o primeiro petista a assumir o poder Legislativo em Santa Catarina parecia fácil para Neodi Saretta até a última quinta-feira. Neste dia a presidente do Sindicato dos Servidores da Assembléia Legislativa (Sindalesc), Regina Soares, descobriu que ele tinha assinado uma resolução que agregava duas funções de Nelson Serpa (PFL), atual chefe de gabinete da presidência da Assembléia e ex-procurador do estado. Dando respostas muito rápidas, Neodi explicou que se limitou a assinar o documento, já que a decisão tinha sido to-

mada uma semana antes pelo presidente efetivo do Legislativo, Pedro Bittencourt Neto (PFL). Bittencourt estava viajando há 10 dias pela Itália, a convite do governo daquele país.

Muito confuso com o escândalo que acabou promovendo, Saretta tentou manter a calma. Assim que a imprensa ficou sabendo das denúncias, ele começou a receber telefonemas. O primeiro ele atendeu. O segundo foi constrangedor.

- "O deputado Neodi Saretta está?"

- "Está, mas ele está falan-

do numa outra linha. Quem é?"

- "É do Jornal A Notícia".

- "Ih, ele saiu".

Pouco depois, o PT fez uma reunião da bancada e decidiu que no início desta semana fariam de tudo para reverter a validade da resolução. No final da mesma tarde, Saretta viajou para o Oeste do estado, sua região de origem.

Segundo a presidente do Sindalesc, a resolução aumentaria o salário de Nelson Serpa de R\$ 2,6 mil para R\$ 8,1 mil. Nelson Serpa disse que

isto era mentira e que seus vencimentos ficariam em R\$ 5,4 mil, descontado o Imposto de Renda. Outra denúncia era de que Serpa não tinha um ano no cargo anterior, tempo necessário para a agregação de funções. Desta vez foi o deputado Jaime Mantelli, do PDT, que o defendeu: disse que ele passou cinco anos e nove meses no cargo. Ao contrário de Regina, Serpa ainda assegurou que a isonomia entre as funções que exerceu estava correta.

Flávia Rodrigues



Os sem-terra de amanhã

Filhos do MST trocam Xuxa por Guevara e sonham com reforma agrária

Pela primeira vez eles viram o mar. "Creio em Deus Pai", disse um dos garotos ao avistar a praia da Joaquina. Eles são os meninos e meninas que participaram do 1º Congresso de Crianças Assentadas e Acampadas de Santa Catarina, realizado de 10 a 12 de outubro em Florianópolis, que tiveram a oportunidade de conhecer a Ilha antes de retornarem para suas regiões. A ansiedade foi tão grande que quando viram as ondas na praia da Joaquina o medo foi esquecido e o primeiro impulso foi correr para a água. O único que demonstrou indiferença foi Itacir Pereira, o líder infantil dos sem-terra. "O mar é impressionante, mas isso não me faz querer morar na cidade. Meu lugar é no campo", diz. Nem uma bela garota com um minúsculo biquíni fez o garoto mudar de idéia. "Eu sou um homem de palavra", completa.

Itacir tem 13 anos e vive em assentamentos desde que nasceu. Com três anos de idade já participou da invasão do lugar onde mora atualmente, no assentamento União da Vitória em Fraiburgo. O líder nato, que demonstra maturidade em suas palavras, não sabe o que é vídeo-game nem roller, mas conhece o Estatuto da Criança e do Adolescente e argumenta a importância da reforma agrária. "Nós queremos terra para plantar e, enquanto o governo se mostrar desinteressado, teremos que lutar para conseguir alguma coisa", afirma Itacir. Ele está na 6ª série e pretende ser técnico agrônomo.

Uma das frustrações do garoto em Florianópolis foi não ter entregue o manifesto do congresso ao governador Paulo Afonso Vieira. "Ele mandou dizer que viajou, mas

eu acho que não quis atender a gente", desconfia Itacir.

A "versão feminina" de Itacir é Wilma Viera, de 16 anos. A garota leu na tribuna da Assembleia Legislativa, para somente 15 deputados que estavam em plenário, as exigências decididas no congresso infantil, como direitos à saúde e educação para os sem-terra.

Wilma tem uma rotina agitada no assentamento Conquista na Fronteira, em Dionísio Cerqueira. Além de trabalhar na roça e na cooperativa do assentamento, ela é presidente da comissão de esportes e ainda arruma tempo para estudar - cursa a 7ª série no colégio mais próximo, que fica a 24 quilômetros de sua casa.

A garota não se interessou em morar em Florianópolis. "Nossa organização não é encontrada na cidade", diz Wilma, que nunca tinha entrado num elevador e nem visto o mar, duas passagens marcantes enquanto esteve na capital.

Tendo Che Guevara como ídolo, Wilma tem dois sonhos prioritários. Quer ser jornalista, tendo um jornal próprio onde possa escrever em defesa da reforma agrária e participar de uma invasão. Sem medo ela afirma que estaria na frente dos invasores. "Eu morreria na luta pela terra", afirma a adolescente com pretensões bem distintas da maioria das meninas de mesma idade que moram na cidade.

No assentamento 25 de Maio, em Abelardo Luz, uma das regiões de maior conflito agrário no estado, mora Wilmar Baumgratz, um garoto que tem a reforma agrária como religião. O pai do garoto, além de agricultor, é vice-presidente da comissão que lidera o assentamento onde moram 58



Crianças Sem terra falam sobre direitos e reforma agrária, ...



... mas se divertem ao ver o mar pela primeira vez

famílias. O tema da terra é uma constante em sua "mesa de café".

Com apenas 14 anos Wilmar não se considera mais uma criança. Ele cursa a 7ª série, ajuda sua mãe a limpar a casa e ainda trabalha num forno de carvão. Uma rotina que começa sempre às 6 horas e termina depois das 7 horas da noite quando ele finaliza suas tarefas "tratando" os animais. E as horas livres do garoto não são para brincadeiras. "Não gosto de brincar, aproveito as horas vagas para descansar", diz.

Em Florianópolis, Wilmar se convenceu que seu lugar era mesmo no campo. "Aqui as pessoas mal se olham. É tudo muito movimentado", argumenta o garoto que voltou para sua região desiludido com o descaso do governo. "Eu não acredito muito que eles fossem fazer alguma coisa, mas nós vamos continuar fazendo", conclui.

Wilmar é de uma região onde dois capatazes declararam publicamente que, se fosse preciso, matariam as crianças de assentamentos por serem os sem terra de amanhã.

Sandra Vieira

Erros marcam pesquisas da Sunab

Certas pesquisas de preços estão servindo para estimular o consumidor a economizar leitura e gastar sola de sapato. Inutilizada como órgão tabelador, a Sunab passou a fazer em primeiro de outubro coletas de dados sobre variação de preços, através do Programa de Orientação e Apoio ao Consumidor, do Governo Federal. São consultas que envolvem vários setores do comércio e serviços, desde eletricitista até mensalidade escolar. Só que até agora o setor da capital vem cometendo falhas primárias, como desconsiderar promoções e até ressuscitar os conceitos de primário e ginásio, o que inclusive ocultou a maior diferença constatada entre as escolas.

A pesquisa realizada dia 23 deste mês em dez estabelecimentos de ensino da Grande Florianópolis pela Delegacia Regional da Sunab(DESC) verificou variações de até 83,1% nas mensalidades. O material foi enviado assim à imprensa. Só que esse índice foi observado no "primário" e no "ginásio", denominações que deixaram de existir em lei no País há quase um quarto de século. Informada do erro, a Delegacia enviou outra tabela, em que se viu uma diferença de 96,1% entre as mensalidades da sétima série do primeiro grau. O Delegado Regional da Sunab, Paulo Silveira da Silva, admite a gafe, mas a atribui a um funcionário. "Ele ainda estava com a cabeça em primário e giná-

sio". Nesse caso, é melhor que o delegado se ocupe mais com a "localização" da cabeça dos seus subordinados. Na véspera do Dia da Criança, foi enviada uma tabela com as diárias de dez hotéis da capital. Foram pesquisados os preços "oficiais" dos estabelecimentos, mas não se levou em conta as promoções feitas especialmente para o feriado. O hotel Faial, por exemplo, estava cobrando R\$ 55,00/dia por um apartamento single. Na tabela consta R\$ 69,00, ou 25,45% a mais. Houve também quem apresentasse diárias maiores que as pesquisadas. O Marambaia cobra normalmente por dia R\$ 91,00, mas para a data deixou por R\$ 68,00. Os números da Sunab

apontam, sabe-se lá de onde, generosos R\$ 55,00.

Com isso, as diferenças de preços entre os hotéis também ficaram meio "variadas". A diária de um apartamento triplo, entre os de três estrelas, apresentou dispersão de 87,93% na tabela. Refeitas as contas, chegou-se a 50%. São 75,86% a menos do que a Sunab verificou. No caso do duplo, também nos de três estrelas, a pesquisa da delegacia regional mostrou diferença de 78%. Consideradas as promoções, são 60%. Isso é 30% menos do que na tabela. Nesse ritmo, em breve a Sunab local poderá começar a fazer pesquisas com as variações de seus próprios números.

Alexandre Winck

Cartões tornam-se peça de coleção

Os cartões telefônicos são os mais disputados artigos de coleção do momento, desbancando a preferência dos tradicionais selos e moedas. Em Cingapura, um único cartão foi leiloadado por US\$ 15 mil. No Brasil, o maior valor pago chegou perto de R\$ 3 mil. Apesar de ainda não existir uma associação exclusiva para os chamados *telecartofilistas*, a febre já chegou em Florianópolis há pelo menos um ano.

O diretor da Associação Filatélica de Santa Catarina, Edmundo Crippa de Carvalho, afirma que o mercado de colecionadores de cartões telefônicos está em alta. Prova disso é que, mesmo não sendo o público original da AFSC, eles são os que mais procuram a entidade ultimamente, e lá podem encontrar desde álbuns e catálogos com modelos até os próprios cartões, com preços variando de R\$ 2,00 a R\$ 340,00.

Mas não foi só a Associação Filatélica que mudou. A maioria daqueles que hoje colecionam cartões telefônicos já fizeram alguma outra coleção antes. Um bom exemplo é Edison Correa, dono da joalheria que leva seu nome e ex-colecionador de selos, moedas, cartões de crédito e cédulas. Dedicando-se há um ano aos cartões telefônicos, Edison é o maior colecionador de Santa Catarina, com cerca de 60 mil cartões divididos em 400 modelos, nacionais e de outros países. Sua coleção tem até mesmo o primeiro e único cartão telefônico do Paraguai, retirado do mercado daquele país por falta de pagamento para a empresa que o produziu.

Correa acredita que no futuro cada vez mais pessoas vão preencher seu tempo livre com algum tipo de coleção, e faz questão de diferenciar colecionadores de sim-

ples guardadores de coisas. Para o *telecartofilista*, o verdadeiro colecionador, ao contrário do guardador, usa o *hobby* como meio para se enriquecer culturalmente. "Foi com a minha coleção de moedas que eu, que não cheguei a fazer uma faculdade, me interessei pela história do Brasil imperial", exemplifica.

Embora Edmundo Carvalho da Associação Filatélica não goste que se misture o *hobby* com a idéia de lucro, vários já descobriram o filão e vivem da venda de cartões para colecionadores. É o caso de Antônio Alencar Arsenio, que desde junho acumula o novo negócio com a atividade de cambista, na rua Felipe Schmidt. Mesmo trabalhando há tão pouco tempo na área, Antônio faz em média R\$ 450,00 por mês e tem pelo menos seis compradores regulares. Ademilton Vieira dos Santos distribui os cartões por todo o estado e fatura cerca de R\$ 2 mil por mês e demonstra confiança no mercado. "É o negócio com maior liquidez no momento".

Tendência mundial-A Telebrás lançou os primeiros cartões telefônicos no Brasil durante a Rio 92, e em Santa Catarina, na Oktoberfest do mesmo ano. Desde 1987 1.500 unidades de cartões-teste, com duas estampas, já circulavam em caráter experimental. De acordo com o gerente comercial da Telesc, Saulo Heleodoro Ferreira, eles representam uma tendência mundial, trazendo vantagens tanto para os usuários de telefones públicos quanto para a empresa. O manuseio dos cartões é muito mais prático. Um cartão substitui até 100 fichas, e a Telebrás se assegura de que ninguém vai poder arrombar o cofre dos TP's atrás dos créditos eletrônicos.

Demanda maior-No que depender da Telesc, os colecionadores e os vendedores de cartões telefônicos de Santa Catarina podem comemorar. Segundo Heleodoro Ferreira os cartões chegaram para ficar. O estado ainda tem três vezes mais telefones a ficha do que a cartão. Porém a demanda de créditos vendidos por cartões é o trip-

lo. Em agosto, foram 9 milhões de créditos em cartão contra 3 milhões em ficha. Com tais números, Saulo garante que até o ano 2000 só devam existir telefones a ficha em localidades isoladas do estado.

Romeu Martins
Dubes Sônego Júnior

Deficientes redescobrem o prazer do sexo

Há dois meses Reinaldo S., 36 anos, mergulhou numa lagoa, bateu com a cabeça num banco de areia e ficou tetraplégico. Casado e pai de três filhos, agora ele tem que passar por um processo de reeducação para conhecer as reais possibilidades de seu corpo, inclusive as sexuais. Reinaldo está sendo auxiliado pela enfermeira e sexóloga Helena Terezinha Rosa, que desenvolve um trabalho voltado a sexualidade das pessoas com lesão raquimedular - tetra e paraplélicas. Ela orienta os pacientes para que possam sentir prazer sexual estimulando áreas do corpo onde resta sensibilidade. "A sexualidade não é apenas pênis e vagina", diz a sexóloga. "Alguns paraplélicos, por exemplo, já tiveram orgasmos com a manipulação dos mamilos", completa.

O deficiente físico, pela própria circunstância, tem uma série de restrições a uma vida normal, o que não impede que ele tenha relações sexuais. Ao contrário do que se pensa, 80% dos portadores de lesão raquimedular podem ter ereção, embora dificilmente tenham ejaculação ou prazer manipulando o pênis. A ereção acontece porque está ligada à circulação sanguínea, que continua funcionando normalmente. Os recursos utilizados para obtenção de prazer seriam a erotização e manipulação das partes do corpo que têm sensibilidade. "Qualquer região do corpo é susceptível de prazer", diz a sexóloga. Muitos pacientes lamentam desconhecer o potencial sexual do corpo antes da lesão. "Eles precisam se reeducar

e acabam conhecendo melhor o próprio corpo", completa.

Para realizar o trabalho a enfermeira pesquisou 23 pacientes cadastrados no Programa de Assistência Domiciliar - um programa vinculado ao SUS que presta atendimento médico, de enfermagem e social a deficientes físicos. Os pesquisados são homens com lesão raquimedular têm idade entre 17 e 50 anos e todos moram Grande Florianópolis. "Eu escolhi o grupo com esse tipo de lesão porque a maioria são jovens, que ficaram deficientes por acidente", completa. Desses, 26% ficaram deficientes devido a acidentes com arma de fogo, a maioria com menos de 35 anos. O programa do SUS atende também pessoas com outros tipos de deficiência física, como as decor-

rentes de derrames.

Carícias como beijo na boca, massagem nas áreas sensíveis do corpo e toque nos mamilos (no caso de paraplélicos) podem levar os deficientes físicos ao clímax. O processo de aconselhamento sexual está ligado também a orientações de higiene - pessoas tetra e paraplélicas perdem o controle de todas as funções das áreas afetadas pela lesão, obrigando o uso de sondas e bolsas para as secreções.

A maioria dos pesquisados apresentou melhorias no rendimento sexual após a orientação da sexóloga. Antes da pesquisa 70% não tinham esclarecimentos de nenhum profissional sobre suas potencialidades sexuais. O trabalho de Helena agora será transformado em livro. (S.V)

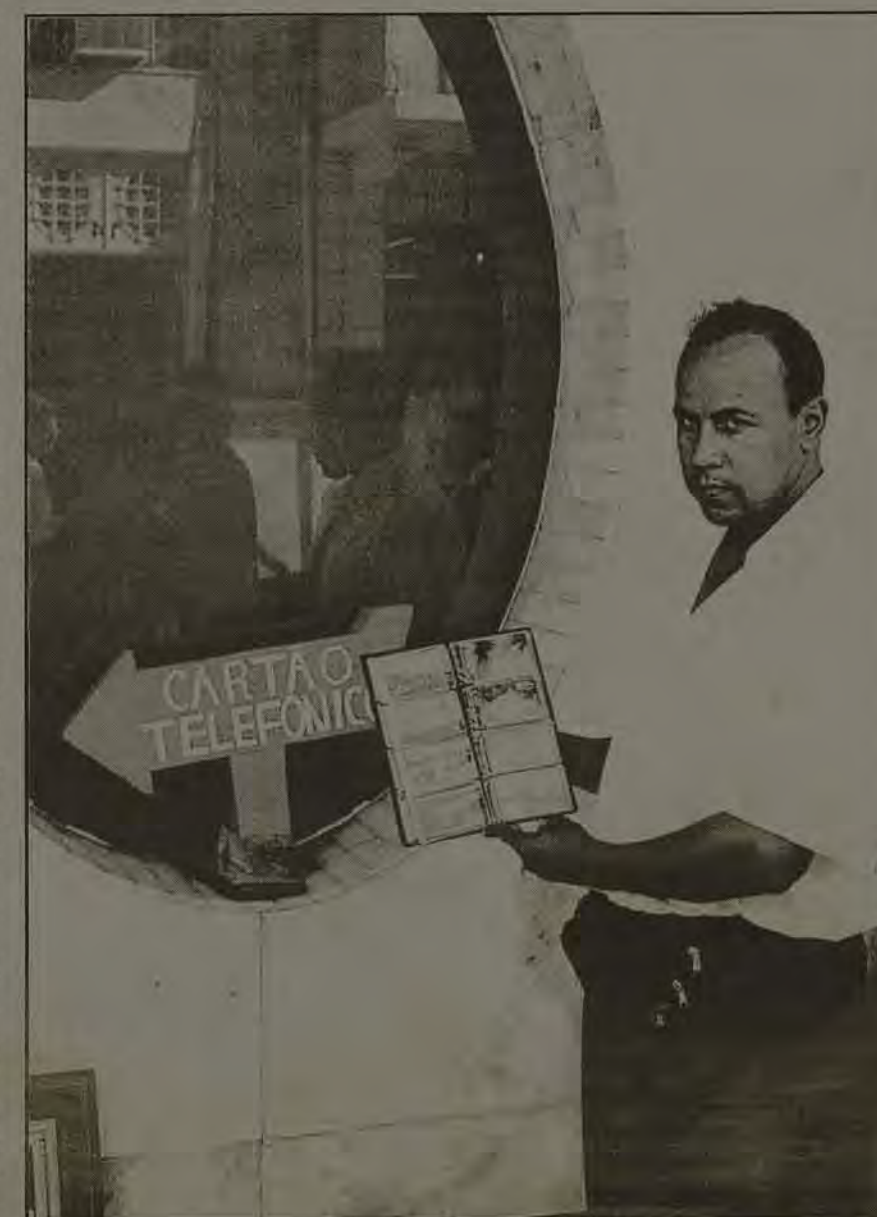
Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

fiscal
sunab

ZERO
NOV
95

Dubas SônegoZERO

5



Antônio vende cartões de telefone e dólares no centro da cidade

semente
na
terra

ZERO
NOV
95

4

Falta de recursos e apoio político

Campanha de Carlos Westphall é a mais modesta desta eleição

eleição
ufsc

Carlos Westphall e Bernardo Gonçalves Riso são os candidatos à Reitoria na chapa número 03. Até o dia 9 de novembro, quando alunos, servidores e professores escolherem o novo reitor, Westphall e Riso vão gastar R\$ 500,00 com a campanha, uma das mais baratas e simples entre as quatro concorrentes. A falta de recursos não permitiu uma publicidade maior no Campus. Este problema poderia ser resolvido com o apoio de algum partido político. Acreditando que "o que importa são as propostas e não faixas e cartazes", o professor Westphall justifica a simplicidade de sua campanha.

A busca dos eleitores é feita no boca-a-boca por quase 40 simpatizantes da candidatura, entre alunos e professores. A equipe recebeu a orientação de não pedir votos, mas apenas mostrar as idéias, procurando as pessoas que não querem votar nas chapas 1 e 4. Justamente as dos candidatos que o professor Westphall acredita que podem vir a se enfrentar em um segundo turno.

Quais são suas propostas?

"Temos capacidade para brigar pela melhoria da qualidade na graduação, coisa que não vem ocorrendo hoje"

Primeiro, nós entramos na disputa para participar da eleição, tentando contribuir para uma universidade melhor. Segundo, somos professores com Doutorado, somos pesquisadores e exercemos atividades administrativas e de extensão. Assim acredito que temos capacidade para brigar pela melhoria da qualidade na graduação e procurar uma interatividade com a sociedade, coisa que não vem ocorrendo hoje. Ah, pode colocar aí, se eu for o Reitor e tiver o respaldo da comunidade universitária, vou pagar a URP para os servidores.

O que o senhor e professor

Riso pensam sobre a privatização e a LDB?

Nós acreditamos que é preciso evitar a privatização das uni-

versidades de qualquer maneira. Toda medida arbitrária tomada contra a educação não pode ser aceita. Não podemos tolerar idéias como as dos senhores Bresser e Darcy Ribeiro. Quanto a LDB, nós apoiamos a proposta do senador Cid Sabóia.

Algumas pessoas afirmam que a sua candidatura é uma tentativa desesperada de permanência na UFSC, já que o

senhor foi reprovado no estágio probatório para professor titular. Isto é verdade?

Para começar a nossa candidatura foi lançada em abril de 95, e esse problema aconteceu em julho. Então a tese destas pessoas já é infundada. Sobre a reprovação, o que aconteceu foi o seguinte: a banca comprovou que eu tenho o perfil técnico-científico e didático-pedagógico de um professor titular da UFSC. Mas eles receberam informações furadas contra mim, que não foram sequer cheçadas, mas as consideraram verdadeiras. Eu tenho provas de que nada daquilo é verdade, tanto é que já ganhei a liminar contra o resultado do estágio e ninguém levantou a questão em nenhum debate, nem mesmo os demais candidatos. Isto acabou atrapalhando nossa candidatura. Muitas pessoas tinham interesse de votar em nós, mas acabaram recuando.

O senhor não acha que é uma demagogia ser contra a privatização sendo que há vários projetos e pesquisas realizadas na UFSC financiadas por empresas privadas?

Mas este apoio é muito importante, esta interação com as empresas é muito produtiva. É claro que isto não pode se tornar mais um argumento para o governo querer a privatização. Não podemos perder o apoio de base que o governo dá à universidade. As empresas não vão bancar tudo para sempre. Cabe à UFSC regular o uso dos resultados destes trabalhos. É pre-



Westphal é Dr. em informática

ciso avaliar e gerenciar de forma correta este apoio privado para que alunos, professores e a universidade recebam a sua parte dos possíveis lucros que as empresas tenham com as pesquisas desenvolvidas aqui.

O que o senhor está achando dos debates?

Todos os sete debates foram muito positivos para a eleição. Pena que a professora Nilcéa e o professor Rodolfo desperdiçaram tanto tempo se acusando. Não é para isto que servem os debates. Eles estão desgastando o processo eleitoral e as próprias candidaturas. Eu gostei muito da participação do aluno e candidato Diego Sturdze, ele é o único que usa o seu espaço para mostrar as propostas e fazer críticas coerentes e construtivas.

Alessandro Bonassoli

6

EXODO INDÍAS



Aline Cabral/ZERO

Quem passa pelas ruas do centro pode observar, há cerca de duas semanas, o aparecimento de uma pequena população de índios, que perambulam em busca de dinheiro.

Eles estão em oito - um homem, cinco crianças e duas mulheres, uma delas grávida. Os índios passam o dia tentando vender animais feitos em madeira e conjuntos de arco e flecha. Algumas pessoas oferecem dinheiro e comida, e poucas levam seus trabalhos.

Uma das índias, Tuana, conta que eles vieram do morro dos cavalos, no sul do estado, e agora estão no morro Cambirela, perto de Palhoça. Tuana fala o idioma tupi e arranha o português para poder vender os produtos. A índia explica que ela e os companheiros vieram para a capital porque não puderam mais trabalhar na plantação. Tuana diz que a vida está difícil, mas a cidade é melhor que o campo. "Tem comida boa", exclama enquanto divide um copo de coca-cola com os três filhos.

Aline Cabral

Freire prega ideologia do prazer

Escritor-psicólogo critica igreja, burguesia e família brasileira no lançamento de seu último livro

Testudos de todo mundo. Uni-vos!, este é o título do novo livro que o escritor Roberto Freire veio lançar no último dia 24 em Florianópolis. Da mesma maneira que Marx usou para convocar os proletários a lutarem pelo ideal comunista, o criador da Somaterapia - terapia baseada no ideal libertário do anarquismo - convoca os jovens a lutar pela ideologia do prazer.

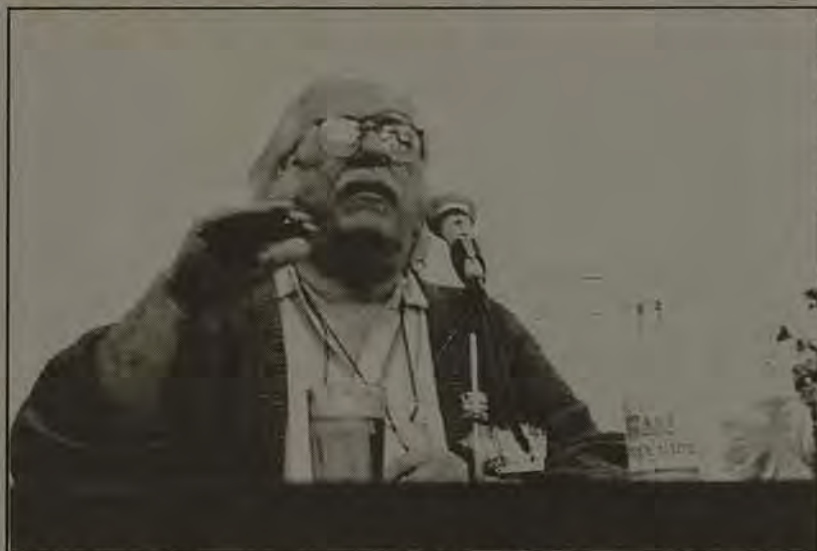
Desde o seu primeiro livro, *Cléo e Daniel*, lançado pela primeira vez em 1966, Freire vem divulgando seu ideal de amor libertário, que deve abandonar a possessividade. Os seus livros de ensaio, como *Sem tesão não há solução* e *Utopia e Paixão* conquistaram muitos adeptos à Somaterapia, que hoje possui grupos organizados em todo o país.

Origem histórica - Freire formou-se em medicina e manteve um consultório durante quatro anos. Por não concordar com as teorias freudianas, abandonou sua profissão para fazer o que realmente gosta: escrever. Retomando mais tarde os estudos de psicologia, descobriu nas teorias do psicólogo Wilhelm Reich um outro caminho

para seu trabalho.

Reich era discípulo de Freud. Ao desenvolver estudos encomendados pelo mestre, descobriu que discordava da psicanálise. Negou-se a publicar um artigo e foi expulso da corrente. A somaterapia aproveitou as comprovações *reicheanas* de que a neurose está no corpo, e não só na mente, e que ela vem de fora, através de um processo político de conflito entre a pessoa, a família e a sociedade. Trabalha em grupos de até 30 pessoas, sendo que todos praticam capoeira. A somaterapeuta Ivone Menegatti, que coordena os grupos em Florianópolis, explica que a capoeira foi escolhida por ser a forma de expressão terapêutica de maior eficiência e rapidez nos resultados. "Ela auxilia no desembaraçamento bioenergético, além de ter sua origem histórica na libertação dos negros no Brasil", acredita.

Poder dos jovens - Os psicólogos da "soma", como é conhecida, acreditam que a origem das neuroses reside na criação capitalista burguesa, baseada na ideologia do sacrifício. Roberto Freire diz que a Igreja, a sociedade e a família insistem na idéia de que o



Freire é o criador e maior divulgador da Somaterapia no Brasil

homem tem que se sacrificar agora para ter a redenção mais tarde. "As famílias nos moldam dentro do sistema capitalista. Usam o amor como forma de dominação, não para prejudicar, mas achando que estão fazendo um bem ao filho". Segundo Freire, este processo se dá através da ação duplo-vínculo. É o dizer sim e não ao mesmo tempo, como o filho que pede para sair e os pais falam "vai, né". Como a filha que diz que vai sair de casa e a mãe diz "Tudo bem, será bom para você. Eu vou sofrer, mas passa". A pessoa cresce e começa a aplicar o duplo-vínculo nos seus cônjuges, amigos e nos negócios. "Geralmente, destroem o potencial de liberdade do outro. É isto que nos faz submeter", lamenta Freire, por acreditar que muitas pessoas deixam de fazer o que querem para não magoar o outro.

Os somaterapeutas descobriram que trabalhar com o duplo-vínculo que a pessoa recebeu no passado não facilita romper os praticados hoje. Mas se trabalhar os duplos-vínculos praticados atualmente, quando a pessoa toma consciência que não deve praticar mais, por aprendizado, todos os duplos-vínculos se rompem, e ela se liberta.

Em seu livro, Roberto Freire fala dessas descobertas da "soma", fala de poesia, de futebol e outras formas de prazer. Aproveita para falar mal dos velhos no poder, e alerta para a importância revolucionária do amor. "Eu já vivi 40 anos militando na esquerda. Já vi tudo e sei tudo sobre revolução. Não encontro nenhuma outra arma para revolução que não seja a juventude".

Daniela Neves

Festival de teatro traz agito cultural à ilha

Está acontecendo em Florianópolis o 3º Festival Nacional de Teatro Isnard Azevedo. O evento começou domingo passado e deve terminar no próximo sábado. Há um total de 12 grupos concorrentes - seis adultos e seis infantis.

Além dos concorrentes, há também grupos convidados, incluindo dois estrangeiros: Sociedad Cultural la Carreta, do Chile e Escena Subterránea, da Argentina. A atriz argentina Paula Gasparini apresenta o espetáculo "Malinche". Fora os grupos concorrentes que se apresentarão no TAC, a mostra paralela utilizará espaços cênicos alternativos, como o largo da Alfândega, a Escadaria do Roshário e a Lagoa da Conceição.

Os participantes são todos da região sul e sudeste, embora tenham sido inscritos

grupos de toda parte do país, num total de 127 peças. Alguns desses grupos já participaram do Festival em outros anos. São eles: Acontecendo por Aí, Trupiê de Teatro, Delírio e Cia, Cia dos Atores Brasileiros, Téspis Cia de Teatro e Ricardo Schöpke.

Voz em movimento - A escolha foi rigorosa e segundo os selecionadores, há um alto nível de qualidade nas peças. No entanto, a disparidade entre os grupos ganhadores e os desclassificados foi muito grande. Para o diretor de teatro e professor de montagem da Udesc, André Carreira, também integrante da comissão selecionadora, o teatro brasileiro ainda sofre muita influência de trabalhos europeus e norte-americanos.

Além das apresentações, acontecem

teatro que estão sendo realizadas simultaneamente ao Festival: *Técnicas de Meyerhold para Atores*, *Uma Voz em Movimento*, *A Violência no Palco* e *Commedia Dell'Arte*.

A primeira peça concorrente da mostra adulta apresentada foi *A Sonata Fantasma*, da Cia de Atores Brasileiros e Soc. do Prazer. A peça é uma das mais complexas do Festival, mostrando um homem no final da vida que procura uma resposta para seus problemas.

Superproteção - Na segunda-feira foi a vez de *Psicose*, uma peça hilariante que homenageia o cineasta Alfred Hitchcock. O grupo de Curitiba, Cia. Delírio de Teatro, esteve com a peça em cartaz durante o mês passado no Rio de Janeiro. O dramaturgo Edson Bueno

na história de um filho superprotegido que mata todas as mulheres com quem tem relações sexuais.

A mostra concorrente infantil começou na segunda-feira e contou com o espetáculo *As Aventuras do Avião Vermelho*. A peça do grupo Ato Sereno Produções, de Porto Alegre, é uma adaptação do texto infantil de Erico Veríssimo. Conta a história de um menino travesso que ganha um livro do pai.

A mostra concorrente, adulto e infantil, acontece diariamente no Teatro Alvaro de Carvalho (TAC) e a mostra paralela e sessão maldita acontecem em diversos lugares da cidade, também diariamente. Vale a pena conferir.

Maria Augusta

Colaborou: Beatriz Prates

Beatriz Prates/ZERO

utopia
paixão

ZERO
NOV
95



Acontecendo pelos palcos

Isnard
Azevedo

ZERO
NOV
95



O grupo teatral Acontecendo Por Aí vem literalmente acontecendo nos festivais brasileiros de teatro. Com a peça *Interior*, obra de Maurice Maeterlinch e direção de Lourival de Andrade, o grupo é o único representante catarinense na categoria adulto no festival Isnard Azevedo.

Segundo Andrade, Maeterlinch seguia a escola simbolista e em 1884 escreveu o texto de *Interior* visando a reflexão do homem como crítica ao movimento tecnicista do século XIX, o que surge junto a Revolução Industrial, priorizando a produção e deixando de lado o pensamento sobre o homem. Na peça, o autor pinça a morte de uma menina para desencadear uma série de reflexões sobre a vida das pessoas envolvidas com ela.

Esta é a quarta peça do grupo, que se formou em 1992. O primeiro trabalho do Acontecendo Por Aí, *Quando despertamos de entre os mortos*, de Henrique Ibsen, foi considerado um marco para o teatro catarinense por ter ficado um ano e três meses em cartaz ininterruptamente. Como reconhecimento do bom trabalho do grupo, o Acontecendo Por Aí foi selecionado em 94 com a peça *Histórias de tanto amor* por um festival estadual e quatro nacionais, incluindo o Festival Isnard Azevedo, onde foi premiado como melhor conjunto de atores e melhor ator coadjuvante.

O grupo participa mais uma vez do Festival Isnard Azevedo, com a peça *Interior*. Com elenco formado por Luciano Estevão, Lenita Novaes, Mary Dutra, Meline Zanoni e Mariane Senger e direção de Lourival de Andrade. A peça fica em cartaz na Casa da Cultura de Itajaí, todos os sábados e domingos às 21h.

Texto:
Vanessa
Sandrini

Fotos:
Carolina
Heinen
Vanessa
Sandrini

